

Publica-se nos dias
1 e 15 de cada mês

Assinaturas

Continente e Ilhas 24\$00
Ultramar 29\$00 e 60\$00

Estrangeiro 35\$00 e 90\$00
(Séries de 24 números)

Pagamento adiantado

NOTA:

Consideram-se assinante quem, ao receber o 3.º exemplar enviado, o não devolver, gentileza que muito nos desvaneece.

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Impressão de: dr. Alberto Teixeira Forte

Composto e impresso na Typografia Figueiroense

Director e Editor

Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

Do entusiasmo ardente à indiferença frígida

Ao ouvir recentemente as notas alegres e harmoniosas duma marcha executada pela filarmónica de Alvaiázere, no percurso dalgumas ruas da vila, num gesto simpático de agradecimento e despedida, dois sentimentos opostos me despertam na alma; um de prazer oferecido pelos acordes da marcha e outro de tristeza e até (por que não?) de ressentimento provocado pela lembrança de que Figueiró, que no primeiro quartel do nosso século, cometeu o feito heróico de manter duas bandas de impecável apresentação e de bom nível artístico, não tem presentemente nenhuma porque a que existia e vinha já há anos, a sofrer de doença gravíssima deu o seu último suspiro recentemente. Parece que o seu funeral não teve acompanhamento, música e lágrimas. Já agora na vala comum dos desprotegidos porque não houve meia dúzia de almas caridosas que lhe mandasse erigir uma modesta campa para sobre ela colocar uma jarra com flores. Profunda desolação!

A vinda da filarmónica de Alvaiázere a Figueiró foi motivada pela festa do Senhor Bom Jesus da Sobreira realizada no dia 20 do passado mês. Este serviço religioso devia por razões de prestígio, bairrismo, cultura e até de economia, ser prestado, como em anos anteriores, por uma banda da Casa, mas esta não pôde pela razão deplorável assinalada, prestá-lo.

A «morte» da nossa Banda será, desta vez, eterna ou ainda teremos a alegria, aleluia da alma, de ver ressuscitá-la, como a Fénix da lenda, da própria cinza?

De facto, nós figueiroenses, somos uma casta humana de natureza especial, para não dizer cómica.

Abraçamos com entusiasmo

esbraseante todas as iniciativas que nos possam trazer prestígio, honra, cultura, interesse e recreamento do espírito (que também é dinheiro), mas, depois, há-de aparecer sempre um médico estranho que lhe inocula nas veias injeções de gelo que, bruscamente, lhe fazem descer a temperatura para 0. O doente entra em coma e, mais dia ou menos dia, morre.

Estarei a exagerar, a dizer mal por desporto?

Exemplifiquemos então:

Tem ou não Figueiró criado com entusiasmo, bandas a ponto de algumas delas, como as que toram regidas pelos maestros Cruz e Batalha e outros, terem dado provas de superior valor artístico em concurso com outras bandas?

Mas, presentemente, tem alguma?

Claro que, como não queremos ser mentirosos, temos de dizer todos uníssona e fortemente:—**Não.**

Fundaram-se ou não, entre nós, grupos desportivos para a prática do futebol, hóquei patinado e não sei se de outras modalidades? Construíram-se ou não os respectivos campos?

Podemos afirmar, com verdade, que em Figueiró, se pratica, com regularidade e devidamente orientados, o futebol, o hóquei, etc.?—**Não.**

Existiram em Figueiró instituições assistenciais e benemerentes de comprovado alcance social. Mantêm-se?

Criou-se ou não um Rancho Folclórico em Figueiró?

Podemos afirmar, sem mentir, que continuamos a praticar folclore?—**Não.**

Teve ou não a nossa Terra várias associações de classe: o Clube, a Associação Comercial e a Associação Operária?

Ainda haverá essas associações com a vida e pujança

Continuação na 4.ª página

VISITA PRESIDENCIAL

Anuncia-se, para breve, a visita à nossa Terra do Senhor Presidente da República que inaugurará a aldeia reconstruída do Vale do Rio, destruída pelo fogo em 1961

Conquanto só no próximo número nos possamos referir mais concreta e amplamente ao acontecimento, justo é salientar, desde já, a honra que advém para Figueiró da presença de tão ilustre visitante.

Ao venerando Chefe do Estado tributamos, pois, as nossas mais respeitadas homenagens e votos de boas vindas.

Aniversário

Festejou mais um aniversário natalício no passado dia 25 do mês transacto o remeado comerciante e proprietário local e nosso prezado amigo sr. Francisco Rodrigues Ferreira.

Comemorando o acontecimento, viu-se o festejado rodeado dos seus entes mais queridos e amigos mais íntimos que consigo comungaram bons momentos de felicidade e convívio.

«A Regeneração» assinala a efeméride, endereçando ao sr. Francisco R. Ferreira votos sinceros de saúde e longos anos de vida.

Dr. Amílcar Agria

Tem estado entre nós gozando merecidas férias e acompanhando o movimento da sua casa agrícola o nosso querido amigo Dr. Amílcar Agria que se faz acompanhar de sua Ex.ª Esposa e Filhinho.

Endereçamos-lhes saudações amigas.

Curso de Bordados Singer

Com a exposição dos trabalhos executados encerrou-se no passado dia 26 o curso de corte e bordados que a Singer manteve em funcionamento, nesta vila, durante cerca de 2 meses.

Ao Salão Paroquial onde se efectuou a Exposição acorreram inúmeras pessoas que tiveram o ensejo de apreciar a eficiência do ensino ministrado pela sra. D. Ana Margarida Camelo e também das consagradas máquinas que garantem a sua aplicação prática.

A vida difícil e dura das Filarmónicas Portuguesas

Por acharmos que constitui tema pleno de oportunidade entre nós, transcrevemos, com a devida vénia, para os nossos leitores o seguinte editorial de «O Século», de 28 de Setembro p.º p.º

A música é, nos centros rurais, ao mesmo tempo um meio de recreação e de cultura. Não pode causar espanto, por isso, esclarecer que há perto de quarenta anos havia no País cerca de 500 associações recreativas ou de classe que possuíam filarmónicas Fardamentos e instrumental, que envolviam já então forte dispêndio, eram obtidos por subscrição entre os associados, à custa de grandes sacrifícios dos próprios filarmónicos, por donativos de beneméritos locais ou — embora raras vezes, como ainda hoje acontece — com subsídios dos municípios. As filarmónicas eram então imprescindíveis em todas as festividades, qualquer que fosse o seu género ou categoria. Sem elas não tinham brilho as romarias, os arraiais, os procissões, os cortejos folclóricos, as manifestações políticas, as comemorações das

grandes datas nacionais, regionais ou locais; e, fora disso, no inverno, nas suas sedes ou no Verão em coretos das praças principais ou jardins, davam concertos, aos quais acorriam as populações com entusiasmo. Muito se louvava já, então, a sensibilidade e o espírito de sacrifício de operários e de trabalhadores rurais que, à noite depois de muitas horas de duro labor, com prazer compareciam aos ensaios e perdiam o legítimo descanso do domingo para tomar parte em qualquer manifestação pública que requeria a presença da filarmónica. Essa dedicação exemplar em prol do comum nenhuma compensação material tinha, pois, mesmo os recursos financeiros, obtidos quando havia contracto, eram absorvidos com a aquisição ou renovação de fardamentos e instrumentos, de partituras e partes destes, trans-

Continuação na quarta página

Herculano Herdade

Passou algum tempo de repouso em Aldeia Ana de Avis este nosso prezado amigo e assinante em Faro que se fazia acompanhar de sua Ex.ª Esposa.

Os nossos cumprimentos.

Clinica Dentária

Vai a nossa vila ficar grandemente enriquecida com a próxima abertura da clínica dentária da Sra. Dra. D. Maria Amélia dos Santos Alves, dedicada esposa do médico local Sr. Dr. Manuel Alves da Piedade.

O novo consultório dentário, modelar na sua montagem e equipamento, está situado no grande imóvel que aquele casal de médicos mandou construir ao Rego.

«A Regeneração», assinalando o incontestável melhoramento, endereça a distinta médica-especialista e a seu marido sinceras felicitações e faz votos por que os seus esforços sejam coroados de êxito e justamente compensados.

Dr. Luís F. Fernandes

Após alguns dias de merecido descanso, regressou a esta vila acompanhado de sua Ex.ª Esposa e Filhinho, o nosso querido amigo e ilustre médico-oftalmologista na capital sr. Dr. Jorge Godinho Ferreira, que em Palma de Maiorca (Balears) tomou parte num congresso de oftalmologia no qual participaram especialistas de todo o mundo, seguindo depois em digressão de estudo e recreio para Itália, Suíça, França e Espanha.

Secundando as amigas saudações que nos dirigiu, daqui lhe endereçamos cumprimentos amigos de boas vindas e votos dos maiores êxitos.

Dr. Jorge G. Ferreira



O sabor de um bom jantar;
o prazer da boa mesa.



E, PARA PAGAR...
cheques de viagem

BANCO PORTUGVÊS DO ATLÂNTICO

Comissão de Melhoramentos das Bairradas

Continuaram a afluir, na última quinzena, mais donativos a esta Comissão

Saldo anterior	5.349,000
Companhia de Viação de Cernache, L.da	500,000
Higino Mesquita (Fig. Vinhos)	250,000
Ernesto Rosalino	200,000
João Coelho	500,000
Valinhos	200,000
António F. Cortez	200,000
João Melo Falcão	500,000
Benjamin do Carmo Almeida (A. A. Avis)	200,000
Adolfo V. Portela (Fig. Vinhos)	200,000
Manuel Alves Ramos	250,000
Manuel de Jesus Medeiros	150,000
Estucadores — António e Manuel	200,000
Jorge Telhada Lopes	200,000
João David Campos	200,000
José Clemente Baptista	300,000
Virgílio do Carmo Rodrigues	200,000
Abílio Carvalho	500,000
Manuel Simões Ferreira (A. A. Avis)	200,000
Joaquim Lopes Barra (Fig. Vinhos)	500,000
Alfredo David Campos	200,000
Manuel da Silva P. Roda	250,000
António Dias da Silva	200,000
José das Dores Abreu	200,000
Artur Sequeira	200,000
Beatriz da Graça Pais	200,000
António Simões Arinto	200,000
João Henriques da Silva	200,000
José da Conceição Ferreira	200,000
Fernando Rosa	200,000
Manuel Penteadó Lisboa	200,000
Diversos	175,000
TOTAL	6.744,080

(Continua)

Rebate falso!

O Diário Popular de 7 de Setembro anunciava em letras gordas a apresentação em Figueiró dos Vinhos do Passatempo «PAC» no dia 27 do mês ontem findo.

E' claro que os figueiroenses, tão pouco avezados a demonstrações artísticas do género. logo esfregaram as mãos... Mas, afinal, deve ter havido *erra geográfico*, pois o famigerado Passatempo, esse, ninguém por cá o viu...

João Godinho Paquete

Acompanhado de sua esposa e filhos, passou alguns dias de férias em Aldeia Ana de Avis este nosso prezado amigo e assinante na Amadora a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

Carlos M. da Silva Feitor

De visita a seu filho, brioso aluno do I. V. S., de Sernache do Bonjardim, deslocou-se a Portugal a esposa do nosso prezado assinante na Rodésia, sr. Carlos da Mata Silva Feitor que se dignou pagar a assinatura de seu marido para junto do qual já regressou. Muito obrigados.

Figueiroenses, em terras de Moçambique

(Extractos de «Diário de Moçambique», em Nampula)

Sebastião Baptista

Faleceu nesta cidade o sr. Sebastião Baptista, de 72 anos de idade, viúvo, natural de Figueiró dos Vinhos.

O extinto, que desde há muitos meses se encontrava enfermo, travando uma luta desigual contra doença que não perdoa e que lhe provocou doloroso sofrimento, era pai de D. Maria Baptista Rocha, D. Adriana Baptista Graça, A'varo e José de Jesus Baptista ausentes em L. Marques, João de Jesus Baptista, Fernando de Jesus Baptista, adjunto de administrador de Circunscrição em Marrupa e sogro do antigo residente e importante comerciante local José Correia da Rocha, do considerado comerciante em Namina, Manuel Graça, de D. Maria da Graça Simões Baptista e de D. Maria Filomena de Araújo Baptista e tio do conhecido comerciante local Adelino da Conceição Baptista. O infausto acontecimento provocou geral consternação, ocorrendo durante o dia a casa de José Correia da Rocha onde o corpo do finado esteve em câmara ardente e mantendo-se em piedosa vela durante toda a noite, muitas dezenas de pessoas das mais diversas condições sociais.

No dia seguinte, pelas 14 horas, realizou-se o funeral tendo o préstito fúnebre incorporado centenas de pessoas que utilizaram os mais variados meios de transporte, até ao Cemitério de São João de Brito desta cidade, onde a urna ficará em depósito a fim de ser trasladada para Figueiró dos Vinhos, terra natal do extinto, que nos últimos momentos de vida dirigiu esse pedido a seus filhos.

Sebastião Baptista foi um homem altamente considerado em Figueiró dos Vinhos, respeitado por toda a gente, a quem se impôs pela sua honradez, isenção e elevados dotes de carácter. Antigo industrial, abandonou todas as suas actividades logo após a morte de sua esposa, D. Emília de Jesus Baptista, dedicando-se inteiramente aos filhos, aos quais se juntou em Moçambique, para onde veio em Maio de 1963.

Vivia entre dois sentimentos, qual deles o mais nobre — o amor a seus filhos e a saudade de sua esposa. Pelos dois abalou de sua terra, convencido de que longe da sepultura onde todos os dias rezava por alma daquela que fora sua dedicada e extremosa companheira durante dezenas de anos, junto de seus filhos a quem tanto queria, encontraria o refúgio para a sua dor para a saudade invencível que o atormentava.

E Deus lhe fez a vontade. Sebastião Baptista esqueceu tudo, partindo para junto daquela que nunca pudera esquecer. Deus os uniu na terra e os reuniu de novo no Bendito Reino!

Neste mundo de paixões e de incertezas, de lutas e desilusões,

de lágrimas e riso, de ambições e de renúncias, ele deixou por herança a saudade, o luto, a dor, sentimentos que vestem hoje a alma daqueles a quem tanto queria.

Um pensamento, uma vontade, o obcecava, o dominava — repousar junto de sua esposa. Na hora da morte suplicou a seus filhos que considerassem esse desejo como sua última e ardente vontade.

Eles prometeram e vão cumprir.

Sebastião Baptista voltará a sua terra, para junto da companheira amantíssima de muitos anos. Unidos para sempre descansarão em paz.

Baptizado

Na Catedral de Nossa Senhora de Fátima celebrou-se o baptizado do menino Rui Manuel Guimarães da Cunha Almeida Lima, nascido em Nampula, filho de Joaquim Mendes Lima, funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique e de sua esposa, D. Maria da Luz de Almeida Lima, residentes nesta cidade.

Apadrinharam o pequeno Rui Manuel o nosso jovem colaborador Marçal Manuel Castela Pires Teixeira, filho do nosso camarada de trabalho Pires Teixeira e de sua esposa, D. Maria Elvira S. Castela Pires Teixeira e a menina Maria Manuela da Conceição Baptista, filha do conhecido comerciante local Adelino da Conceição Baptista e de sua esposa, D. Emília da Conceição Baptista.

Em casa dos pais do neófito, finda a cerimónia religiosa, teve lugar um beberete que decorreu em ambiente de franca alegria e a que estiveram presentes inúmeros convidados, a maioria dos quais naturais de Figueiró dos Vinhos, terra do nascimento do pai do pequeno Rui Manuel.

Sobressaía o grande número de crianças que ruidosamente festejaram o dia mais lindo da vida do novo cristão, emprestando à festa toda a ternura e colorido de que só as crianças detêm o segredo.

Foi oficiante o Rev. Padre António Teixeira.

Mário Falcão
Médico
Consultas desde as 15 horas
Telef. 15 (p. t.)
AVELAR

Reportagens Fotográficas

Casamentos — Baptizados
Cerimónias — Festas

Prefira um artista que lhe fornece provas imediatas.

Prefira J. Fernandes c/ Estúdios ao Barreiro (Figueiró dos Vinhos)—Telefone 56

Atenção, Srs. Vinicultores!

A DROGARIA GRANADA

encontra-se à vossa disposição
para o fornecimento, nas melhores
condições de qualidade e preço,
de todos os produtos para a vinificação
e trabalhos preparatórios.

Ácido tartárico
Açúcar cãndi
Metabissulfito
Sebo francês
Produtos para lavagem e
conservação de vasilhame

Antes de vos decidirdes, impõe-se uma visita à

DROGARIA GRANADA

Rua Dr. António José de Almeida
Figueiró dos Vinhos

**Não deixe que o seu receptor de Rádio ou de
Televisão lhe cause dores de cabeça!...**

**Não se deixe iludir pelo mito da
«assistência técnica»!**

**COMPRE O MELHOR (Grundig - GE - Mediator
— Sanyo — a última novidade do Japão)**

E se quiser, **efectivamente**, reparar entregue o seu
precioso material a uma entidade de confiança...

Consulte: António da Silva Martinho
Livraria e Papelaria Académica
Telefone 39 **Figueiró dos Vinhos**

Aníbal Pereira Gregório

com

Automóvel de Aluguer

Recebe serviços, a qualquer hora, para qualquer
ponto do País

Telefone 782 (p f) Campelo—**Fontão Fundeiro**

Maria Amélia dos Santos Alves

Médica

Clínica Dentária

Consultas às 2.ª feiras (das 9 às 12 horas) e aos Sábados

Telefone 98 **Figueiró dos Vinhos**

Castanheira de Pêra

Topónimo Castanheira de
Pêra

Conquanto não sejamos puris-
tas em linguagem, desejamos,
todavia, escrever o melhor pos-
sível a nossa língua.

Ao escrevermos o nome des-
ta terra, Castanheira de Pêra,
sempre o fizemos acentuando a
palavra Pêra, porém quando
casualmente ao consultarmos o
Prontuário Ortográfico de Wa-
gnus Bergström e Neves Reis,
5.ª edição, aí deparámos com
Pêra sem acento e tivemos dú-
vida quanto à maneira futura de
continuar a escrever essa pala-
vra.

Assim, na qualidade de sócios
da Sociedade de Língua Portu-
guesa, expusemos o assunto e
tivemos o prazer de, no número
8/9 do Boletim Mensal daquela
Sociedade, encontrar o parecer
sobre o assunto de autoria do
Dr. Irondino Teixeira de Aguiar,
a fls. 262/63.

Porque se trata de um caso
que certamente interessa, pelo
menos, a todos os castanheiren-
ses, julgamos oportuno, com a
devida vénia, fazer a transcrição
das principais passagens sobre o
assunto, que são:

«Não sabemos qual seja a ori-
gem do nome de Castanheira
de Pêra nem afirmaremos se-
quer que a lenda da princesa
Peralta possa estar na base do
topónimo Castanheira de Pêra.
E que esteja, aliás, Pêra, assim
mesmo, com acento e tudo, é
um célebre bairro de Constanti-
nópla. E Castanheira de Pêra,
por artes de berliques e berlo-
ques, tanto aparece com acento
em Pêra, como sem acento. Diz
o consulente ter visto, no Prontu-
ário de Bergström e Neves
Reis, a palavra escrita sem
acentos. Por muito que isso pos-
sa pesar aos seus autores, am-
bos falecidos, jamais os Prontu-
ários particulares fizeram lei. Po-
dem estar mais certos ou menos
certos, mas nunca poderão ser
considerados infalíveis.

Todavia, na Grande Enciclo-
pédia Portuguesa e Brasileira,
surge a palavra com o seu acento-
zinho. E esta, digam lá o que
disserem, ainda merece um pou-
co mais de confiança. Ora, per-
gunta-se: onde está a verdade?
E' pena não se saber. No entan-
to, vejamos. A palavra—pêra—,
substantivo, é obrigatoriamente
acentuada, a fim de não se con-
fundir gráficamente com a pre-
posição—pera—que já nem se-
quer existe na língua actual.
Nenhum caso se exclui na lei
ortográfica. Pêra, substantivo, é
sempre acentuada. Que outra
razão não houvesse, suficien-
tíssima nos parece esta para que
haja de escrever-se **Castanheira
de Pêra**, com acento.»

Depois da douta opinião que
se transcreve, parece-nos que de
futuro quem bem queira escre-
ver não deixará de acentuar a
palavra Pêra, no nome desta
terra, Castanheira de Pêra.

C.

Vende-se

Casa c/ quintal anexo e terre-
no de cultura próximo, na Senho-
ra da Madre de Deus, ao Caste-
lo (Figueiró dos Vinhos).

Quem pretender deve dirigir-
-se a: **Madalena Almeida Riço**,
nesta vila.

Srs. Vinicultores,...

Já se encontra em laboração a
DESTILARIA DE AGUARDENTE

ao Barreiro (**Figueiró dos Vinhos**)
Economia — Rapidez — Produtos das melhores qualidades
Telefone 78 (P. F.)

RELVINHA VERDE

BOUTIQUE

Artesanato - Antiquidades

Decorações

Variedade de Artigos para
Lembranças e Brindes

Rua da Graça 84

Tomar

O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

Confeitaria Santa Luzia

DE **A. E. Campos**

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos

Oxivesaria Lourenço

Encarrega-se de todos os consertos
em **Rádio e Televisão**

Telef. 105

Figueiró dos Vinhos



Diploma honoroso e Medalha d'Ou-
ro na Exposição Agrícola e Indus-
trial de Leiria que teve lugar em
Setembro de 1916

MARCA REGISTADA

Foi sempre o melhor desde 1890...

e ainda não deixou de o ser!...

Telefone P. P. C. 50

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A vida difícil e dura das Filarmónicas Portuguesas

Continuação da 1.ª página

portes e alimentação dos músicos, rendas de casas e gastos de luz, água e limpeza, pagamento de direitos de autor, vencimentos dos regentes, etc. Em momentos de crise, que eram frequentes, ou as filarmónicas suspendiam, por algum tempo as suas actividades ou apareciam dádiosos amigos, nem sempre pertencentes às classes de mais haveres. E vem a propósito lembrar também que, das escolas musicais que sempre foram as filarmónicas, pelo tempo, foram saírem elementos valiosos que se tornaram músicos de fama nas bandas militares e em orquestras de categoria.

Isto tudo considerado leva a natural conclusão de que as filarmónicas, concorrendo para o recreio e a cultura da maioria da população, eram ao mesmo tempo, um meio de defesa social e de valorização dos seus componentes, desviando-os de tantos prazeres nocivos que a vida tem.

No entanto, em grande parte porque a música mecânica surgiu, dominadora e avassaladora, por mais acessível e não exigir preparação ou intuição artística, e também porque a rádio levou a quase todos os lares programas de música clássica ou ligeira, as filarmónicas portuguesas viram, pouco a pouco, diminuindo o seu prestígio, mesmo nas mais pequenas aldeias; e o golpe mais forte foi-lhes dado pelo desinteresse que os jovens do nosso tempo mostram em participar daqueles agrupamentos artísticos. E assim, embora ainda existam filarmónicas com cinquenta, setenta ou mais de cem anos de existência, tem sido elevado o número das que acabaram inglôriamente, sem que outras novas tenham aparecido.

E' certo que a actividade desses simpáticos e prestantes núcleos de homens de sensibilidade e de boa vontade ainda se de-

envolve em larga escala nas manifestações dos géneros já citados, que não os podem dispensar: como consolador é o facto de alguns desses agrupamentos, em competições internacionais, obterem os primeiros lugares. Mas só quem dirige ou pertence a filarmónicas sabe quantos esforços e sacrifícios se fazem para que elas se mantenham.

Ora, reconhecida a vantagem da existência desses elementos de recreação e de valorização cultural não se compreende porque sobre eles não cai a mais ligeira ajuda de autarquias ou do Estado, já que são raros os que recebem subsídio municipal. Três ou quatro centenas de contos, anualmente, ainda que fossem destinadas só a fardamentos e instrumental e ao pagamento dos honorários dos regentes eram um meio de salvação. Se, nas grandes ou médias cidades, há subsídios para várias manifestações artísticas, não é excessivo pedir alguma coisa para os meios rurais onde as filarmónicas são os únicos elementos de divulgação musical e de valorização cultural e social.

Sobre isto se dirá que são bem escassos em Portugal, no campo turístico, os meios de recreação artística, e os turistas, se têm, é certo, como principais objectivos, as facilidades de transporte e de hospedagem, os ares lavados e o repouso, também apreciam os momentos de festa local, típica, onde as filarmónicas têm lugar de excepção. Por um lado, as associações que possuem filarmónicas (e o mesmo devia acontecer com as que possuem escolas ou grupos dramáticos, desportivos ou de educação física) deviam ser libertadas de tributações fiscais, que, para o Estado ou para municípios, pouco representam, mas constituem para as colectividades, pesado encargo. Por outro lado, do já volumoso rendimento que as receitas do turismo proporcionam podia tirar-se o suficiente para garantir a vida das prestantes filarmónicas.

Pode talvez objectar-se que há na época decorrente coisas mais importantes a resolver em benefício das populações das províncias. Mas ninguém negará que é justo e merecido ajudar as filarmónicas portuguesas (tal como se faz noutros países), porque elas são grupos de utilidade pública. O velho ditado de que «nem só de pão vive o homem» mantém perfeita actualidade. Nos meios rurais, tão carecidos de elementos recreativos e de valorização artística e social, as filarmónicas desempenham uma nobre missão. Que lhes dêem, portanto, a ajuda que merecem, pelo espírito e devoção dos seus dirigentes e componentes, que tudo sacrificam e nada recebem.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

Falecimentos

João Duarte

Em Aldeia Ana de Avis, faleceu na sua residência, no passado dia 12 de Setembro o conhecido proprietário, sr. João Duarte, de 86 anos.

O extinto, pessoa geralmente estimada e admirada pela integridade do seu carácter, era pai das sras. D. D. Berta e Lucinda de São José Duarte, e dos srs. Luís de São José Duarte, comerciante, nosso assinante em Moçambique, Hermínio de São José Duarte, agente da P. V. T., Álvaro de São José Duarte, guarda fiscal, e João Duarte da Silva, comerciante em Aldeia Ana de Avis.

Deixa viúva a sra. D. Miquelina de São José.

«A Regeneração» comunga da dor que envolveu a família enlutada, apresentando-lhe sentidas condolências.

Manuel Rodrigues

Em casa de seu genro, o industrial de salsicharia sr. Abílio Oliveira de Carvalho, faleceu nesta vila, no passado dia 25 do mês ontem findo, após prolongado sofrimento, o sr. Manuel Rodrigues, abastado negociante e proprietário em Aldeia da Cruz que contava 60 anos.

O extinto, pessoa dos melhores sentimentos e qualidades de trabalho, era estimado por todos quantos com ele privavam, provocando o seu falecimento a maior consternação.

O sr. Manuel Rodrigues, antigo assinante deste jornal, era pai da sra. D. Maria Helena Quaresma Rodrigues de Carvalho, esposa dedicada do sr. Abílio Oliveira de Carvalho e avô dos meninos António Manuel e Paulo Filipe Rodrigues de Carvalho.

Deixa viúva a sra. Nazaré Quaresma.

No seu funeral incorporou-se densa multidão de pessoas de todas as categorias sociais.

Associando-se à sua dor, o nosso Jornal apresenta sentidos pésames à família enlutada.

De Avelar

Casamento

No dia 29 do mês transacto, realizou-se na basilica de Fátima o enlace da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José Falcão Moreira de Sousa, aluna-finalista da Faculdade de Ciências de Coimbra e filha dilecta do Ex.^{mo} Sr. Joaquim Carvalho Moreira de Sousa, e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Clotilde Falcão Moreira de Sousa, com o Ex.^{mo} Sr. Engenheiro José Luiz da Silva, distinto agrônomo em Nampula.

Foi celebrante o Rev.^o Pároco de Avelar P.^o José Carlos Martins.

Após o enlace, celebrado com requintada simplicidade, foi servido um *copo de água* no Lar das Dominicanas, na Cova da Iria. Os simpáticos noivos seguiram em viagem de núpcias para Inglaterra. À noite, na residência de seus pais em Avelar, houve animada reunião, onde alguns dos seus numerosos amigos brindaram uma vez mais pelas felicidades do jovem casal, a quem auguramos igualmente vida plena de venturas.

Do entusiasmo ardente à indiferença frígida

Continuação da primeira página

doutras eras? — Não.

O *Clube* foi, durante muitos anos, a sala de visitas da nossa Terra e desempenhou com justiça, dignidade e até com uma pontinha de orgulho, esse papel. Na verdade, as suas instalações tinham certa magestade que lhes era dada pela arte e harmonia de proporções. Basta dizer que as pinturas murais dalgumas salas foram feitas sob a direcção de Mestre Malhoa.

Na sua sala de espectáculos realizaram-se récitas de amadores e de profissionais que marcaram pela soma de arte e beleza que delas emanava. António de Vasconcelos, Bagué, Artur Furtado, Granada e outros, com invulgar vocação histriónica, deliciaram as plateias que tiveram o prazer de os ver e ouvir representar trabalho depois retribuído por quentes e demorados aplausos.

Mais tarde e em grau de arte inferior também eu, no palco da mesma sala, me exhibi nos papéis de guarda-noturno gago numa peça de cujo nome me esqueci e no de embaixador inglês na peça «*Sinos de Corneville*». Aqui num cumprimento à maneira oriental, eu respondia: — Yes! Yes!

Outros tempos, outras ideias. Melhores? piores?

Como explicar tanta e lamentável decadência?

Fácilmente: qualquer obra é vida; vida é fogo e o fogo, para se manter, precisa de com-

bustível e de toqueiros. No início de cada uma das obras citadas, cada um de nós, figueiroenses, se apresentou, junto da fornalha, com o seu *molho de lenha* às costas. O tempo decorreu, a lenha acabou-se e, como mais ninguém, vencida de que a lenha oferecida era o suficiente, se apresentou com o precioso combustível, o fogo extinguiu-se e com ele a vida que alimentava.

O que temos a fazer para que as instituições mortas ressuscitem?

Oferecer mais lenha e contratar bons toqueiros.

José Rodrigues Dias

P. S — Contesso, com profunda sinceridade, que foi com o coração a sangrar que escrevi as palavras amargas mas infelizmente, abarrotadas de verdade, acima escritas.

Fi lo, não com o prazer satânico de dizer mal que graças a Deus, nunca senti mas com a intenção honesta de ver se consigo, com as minhas desataviadas palavras, despertar os nossos brios de figueiroenses, para, de novo, erguermos as obras caídas e edificar outras que possam interessar à dignidade, beleza, ao progresso e bem-estar da nossa Terra.

Não me moveu o sentimento vil de menosprezar a Terra que foi meu berço natal, mas sim, o grande amor que lhe dedico pois é, para mim, ponto de té (e, certamente, para todos nós) que dizer as verdade é uma prova de amor.

Mentir seria trair.

Militar distinguido

Chegou recentemente de Timor, onde esteve em missão de soberania o nosso conterrâneo, sr. Júlio Simões da Conceição, filho do sr. Manuel Maria da Conceição e da sra. Idalina da Conceição Simões.

Do que foi naquela provincia do Oriente a acção do valoroso militar fala com eloquência o louvor que lhe foi concedido e que a seguir reproduzimos como justo preito da estima e admiração a que tem legítimo direito.

Louvor

«Pelo Sr. Comandante da CC 303 foi louvado o 1.^o cabo 20/4/61, Júlio Simões da Conceição, que, além de cumprir zelosamente os seus deveres de operador cripto, soube desenvolver como professor das crianças nativas que frequentavam as escolas do Arquatelamento, uma actividade digna de registo e, pelo carinho e perseverança, ter contribuído bastante na acção educativa, demonstrando óptimas qualidades morais que o tornam digno de ser apontado como exemplo para os seus camaradas e digno de ser distinguido.»

Reaberturas

Reabrem hoje os Tribunais, após a habitual temporada de férias.

—Igualmente os alunos liceais retomam hoje os seus estudos.

—Por seu turno, os apaniguados de Santo Huberto entram novamente em actividade e por certo muitos terão o ensejo de fazer o gosto ao dedo... e ao apetite.

Emigrante

Com destino a França, onde vai procurar bases para uma estabilidade económica mais sólida seguiu no passado dia 25 de Setembro o conhecido Serralheiro sr. Alberto Nunes Nogueira, nosso assinante.

Desejamos-lhe os maiores êxitos.

Casa

Sita em S. Sebastião, desta vila, vende-se.

Dá informações e recebe propostas o advogado Teixeira Forte.

Casamento

Na igreja da Rainha Santa, em Coimbra, teve lugar no dia 6 de Setembro p.^o o enlace matrimonial da Sra. D. Rosa Maria Sirgado Santana, professora primária, filha do conhecido gerente de serração de madeiras, sr. Manuel Vicente Santana, e de sua esposa, sra. D. Angelina Sirgado Santana, com o nosso amigo e assinante sr. José de São José Simões, aspirante na Repartição de Finanças de Ansião, filho do proprietário sr. Domingos Simões, e da sra. D. Isaura de São José.

Apadrinharam o acto: por parte da noiva, o sr. António dos Santos Banhudo e Esposa (por procuração); e por parte do noivo seus tios.

Após a participação num fino «copo d'água» oferecido aos convidados, os noivos seguiram em viagem de núpcias.

O nosso Jornal saúda o novo casal e dirige-lhes votos de perenes bênçãos divinas.